Dia 6 — São Severo, Bispo de Barcelona e Mártir

Martirológio Romano

O triunfo de São Félix, mártir, em Túnis, na África; o qual confessou a Jesus Cristo e, tendo-se diferido seu martírio, no dia seguinte foi achado morto no cárcere, como o refere Santo Agostinho, expondo um salmo (o 107) ao povo no dia de sua festividade.

Dez santos mártires, em Teópolis ou Antioquia, que padeceram às mãos dos sarracenos.

São Severo, bispo e mártir, em Barcelona; o qual, metendo-lhe um cravo na cabeça por defender a fé católica, recebeu a coroa do martírio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santo Ático, na Frígia.

A ditosa morte de São Winoco (ou Winoc), abade, em Winoxberg (ou melhor Berg-Saint-Winoc); esclarecido por suas virtudes e milagres e por ter servido muito tempo aos monges de quem era superior e prelado.

São Félix, monge, em Fondi. (São Gregório fala de sua extraordinária penitência em seu livro dos Diálogos, liv. I, cap. 3.)

São Leonardo, confessor, discípulo de São Remígio, bispo, em Limoges, na Aquitânia; o qual, sendo de ilustre linhagem, elegeu a vida solitária e floresceu em grande santidade e milagres. Resplandeceu assinaladamente seu poder em libertar cativos. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Severo, Bispo de Barcelona e Mártir

O bem-aventurado São Severo foi natural de Barcelona, segundo afirma o hino das Vésperas; sua família era ilustre, como expressa o Breviário manuscrito de Barcelona no hino de Matinas. Tendo-o seus pais dedicado ao estudo das letras, chamou-o Deus ao estado eclesiástico e distinguiu-se entre o clero barcelonês por sua doutrina e pela inocência e candor de seus costumes.[^1] Esta foi a causa de que, achando-se a igreja de Barcelona sem pastor, dispôs o Espírito Santo que todo o clero e povo conviesse por unanimidade em eleger a Severo, e logo foi legitimamente consagrado bispo. Na dignidade episcopal resplandeceu como tocha da verdadeira luz; e cresceu a vigilância e solicitude pastoral sobre o povo que Deus lhe acabava de encomendar, em tempo em que os muitos inimigos e perseguições dos Cristãos não permitiam que dormitasse ou dormisse o escolhido por guarda de Israel. Pregava continuamente sobre o amor de Deus e do próximo, como bases em que se estriba toda a lei de Deus; exortava à constância na fé, que, por tão combatida do inferno, qualificava de necessária para o céu; e, como toda a sua doutrina era de Deus, clamava frequentemente a que não se apartassem do que lhes pregava.

Estando o Santo velando e orando pelo bem de sua Igreja, revelou-lhe Deus uma grande perseguição que viria sobre a cristandade da Espanha, e com efeito chegou o tempo de vir o cruel Daciano, escolhido pelos imperadores Diocleciano e Maximiano para extinguir, no que estava de sua parte, o culto do verdadeiro Deus. No ponto em que entrou em Barcelona, abriu o tribunal para a devassa, e não foi necessária muita indagação para saber que o bispo Severo era o chefe que instruía e alentava os Cristãos, pois tudo era patente. Com isto tratou o Juiz de prendê-lo para fazê-lo sacrificar aos deuses e mover com o sucesso de um o exemplo ou escarmento de todo o povo.

O Prelado resolveu ceder à ira no ímpeto primeiro, com o fim de deliberar acerca do mais conveniente para si e para as ovelhas; e com este intento saiu da cidade, dirigindo-se a um lugar chamado Castro Otaviano, hoje São Cugat del Vallès, a duas léguas da cidade. Andada a metade do caminho, viu um lavrador que perto do caminho semeava favas, e era não só cristão, mas bom servo de Deus, chamado Emetério. O Bispo aproximou-se dele e lhe contou a perseguição que estava movida na cidade; e, considerando que lhe viriam buscar os ministros do Juiz, advertiu o Santo a Emetério que lhes dissesse como havia passado por ali, e que no Castro Otaviano o encontrariam, pois estava resolvido a dar a vida por Cristo.

Ouviu o Presidente que o Bispo havia saído da cidade e logo enviou seus satélites a buscá-lo, com ordem de que o trouxessem preso ou lhe tirassem a vida se não renegasse a fé de Jesus Cristo. Chegados os perseguidores ao lugar onde estava Emetério, perguntaram-lhe se havia passado por ali o bispo Severo. Emetério respondeu que sim e referiu o prodígio que estava admirando: que, ao passar o Santo por ali, semeava ele as favas, que já estavam crescidas e com flor.[^2] Perguntaram então os ministros a Emetério se era cristão e, respondendo que sim, prenderam-no e foram com ele em seguimento do Bispo. Avisado o Santo de que haviam chegado os satélites, apresentou-se diante deles e lhes disse: «Eu sou o que buscais.» Prenderam-no com crueldade e encarceraram-no a ele e a quatro clérigos que o acompanhavam, e a Emetério. Açoitaram-nos com fúria e, vendo-os constantes na fé, resolveram degolar na presença do Bispo os clérigos e Emetério, a fim de que, intimidado e horrorizado com aquele espetáculo, sacrificasse aos ídolos e logo, a exemplo do pastor, fizessem outro tanto as ovelhas. Degolaram, pois, os cinco referidos.[^3] Mas, mantendo-se constante o valoroso confessor de Jesus Cristo, Severo, procuraram seduzi-lo com prêmios e lisonjas; e, não cedendo a nada, um dos ministros pegou um

grande cravo de ferro e teve o atroz atrevimento de pôr a ponta sobre a cabeça e cravá-la até embaixo, dando com uma maça, como refere a antífona do Magnificat nas primeiras Vésperas: *Impius ecce venit furiatus satelles, sanguineam clavo dextram oneratus erat. Qui rasi capitis mucronem in vertice sistens, percussum clavo nexibus intus agit.* Caiu em terra o triunfante Mártir de Jesus Cristo, com o que, deixando-o por morto, cederam os infiéis e voltaram a Barcelona. Os Cristãos de Otaviano acudiram a sepultar os sagrados corpos; e acrescentam alguns que ainda acharam no do santo Bispo a bendita alma, que lhes lançou a bênção e passou ao Senhor. Sepultaram-nos ali, tendo em muita veneração o sítio, como concha de tão preciosas pérolas e lugar onde por sua intercessão obrava Deus muitas maravilhas.

O modo mais regular de explicar o martírio do Santo é dizer que foi metendo-lhe um cravo pela cabeça: *capite clavo confosso*, como dizem os Martirológios. Mas também há documentos que afirmam ter sido atravessada sua cabeça com três cravos; alguns acrescentam até dezoito. Uma e outra coisa pode concordar-se, diz o P. Flórez, entendendo os primeiros do cravo principal que primeiramente lhe atravessou a cabeça com ferida de morte, suficiente para o martírio; e os segundos, de expressão individual com que expuseram o número dos cravos que o furor dos ministros acrescentou ao redor do primeiro em forma de coroa. A escritura do ano 1405 testifica ter dado o mosteiro de São Cucufate à santa igreja de Barcelona, com as relíquias de São Severo, nove cravos; os demais ficaram lá, e cinco se conservam inteiros, outros quebrados pela ferrugem. O mais comum é representar as estátuas do Santo com um cravo na fronte.

Não consta se a sepultura se fez na igreja de Castro Otaviano ou se ergueram depois, com este motivo, igreja com o nome do Santo; porque não pode duvidar-se que houve no Castro Otaviano igreja com título de São Severo, e outra de São Pedro, pela qual passavam os monges do mosteiro de São Cucufate quando no dia de São Severo iam a sua igreja em procissão, segundo consta no ritual daquele mosteiro, no século X ou XI. A de São Pedro conserva-se junto ao mosteiro, mas não a de São Severo, a qual se arruinou antes do ano 1079. Então passaram os monges à sua as relíquias do santo Bispo. O sítio da igreja arruinada chama-se hoje Campo de São Severo. Na de São Pedro ergueu-se capela com título de São Severo; debaixo de seu altar se guardam (ou se guardavam antes da última devastação do mosteiro) duas arcas muito antigas de madeira, uma dentro de outra: na pequena se crê que esteve o corpo do Santo antes que as trasladassem ao mosteiro, em cuja própria igreja se guardava também o báculo.

No ano de 1405, no dia 3 de agosto, foram trasladadas várias relíquias do Santo à catedral de Barcelona, por motivo de um milagre que fez Deus com o rei D. Martinho, por intercessão de São Severo, de quem era o Rei muito devoto. Achando-se no conflito de que no dia seguinte lhe deviam cortar uma perna para salvar a vida, encomendou-se muito deveras ao santo Bispo; e este apareceu-lhe em sonhos e com o sinal da santa cruz o curou perfeitamente, com suma admiração dos médicos e cirurgiões que, vindo no dia seguinte à cruel operação, acharam a perna enferma já tão sã, repentinamente, como a outra.

Desejando o Rei trasladar o corpo do Santo à catedral de Barcelona, para que tivesse maior culto e para enobrecer mais a cidade, acudiu ao mosteiro de São Cucufate e, obtida bula de Bento XIII, que no grande cisma se portava como papa, passaram para lá os comissionados do Rei, e em sua presença se abriu na igreja de São Cucufate uma arca de prata, dentro da qual havia outras duas,

uma de vime e outra de madeira, na qual estavam as relíquias de São Severo, e tiraram as seguintes: o osso da anca, cinco dentes e um molar num pedaço de bochecha, um pedaço do crânio e nove cravos de ferro, remetendo-se ao auto que formou de tudo isto o escrivão do Rei. Levou-se a Barcelona a arquinha onde puseram estas relíquias, entregando-a ao Rei, e no mesmo dia se colocaram na catedral com grande solenidade, assistindo o Rei à procissão. A diocese de Barcelona celebra esta trasladação anualmente no primeiro domingo de agosto.

O colégio de São Severo de Barcelona tem também relíquia de seu santo patrono, que obteve do abade de São Cucufate no ano de 1703, por especial empenho do vice-rei da Catalunha D. Francisco Velasco e de Tobar, e cuja identidade para o culto público em que dignamente é venerada declarou o bispo D. Diego de Astorga.

Da veneração em que sempre foi tido São Severo restam memórias muito esclarecidas. Era muito devoto seu o glorioso bispo de Barcelona Santo Olegário, e a ele se encomendou, e também a São Paciano, ambos antecessores seus, quando empreendeu sua viagem à Palestina. Também há memória de ter aparecido nosso Santo, com Santa Eulália, Santa Madrona e Santo Olegário, ao santo patriarca São Pedro Nolasco, fundador da Ordem da Mercê, como refere seu discípulo Pedro de Aimerich em sua vida. Do mesmo devem entender-se, e não do de Ravena, as ladainhas de alguns antigos manuscritos que nomeiam a São Severo com os santos Narciso, Frutuoso e Cucufate, todos da mesma província.

Desde princípios do século IX celebrava-se sua festa em Barcelona com missa própria composta, como diz o P. Caresmar, pelo bispo João, que governou esta igreja no tempo de Carlos Magno e de seu filho. Já então estava assinalada esta solenidade no dia 6 de novembro, de onde se conjetura que nele padeceu, pelos anos de 303, em que começou a perseguição de Diocleciano na Espanha.

Muitas razões há com que se prova que a São Severo sucedeu na sé episcopal o célebre Olímpio, enviado com Eunômio a Cartago pelo imperador Constantino para deliberar sobre a causa de Donato e de Ceciliano depois do concílio celebrado em Roma no ano 313 diante do papa São Melquíades. Santo Agostinho, escrevendo contra Juliano,[^4] nomeia depois de São Reticio, bispo de Autun, na Gália, a Olímpio, bispo espanhol, de quem diz: *Olympius Hispanus Episcopus, vir magnæ in Ecclesia et in Christo gloriæ.* O reputá-lo Santo Agostinho varão de grande glória em Cristo é prova de sua fama em santidade, e por isso o coloca na classe de Santos, bem-aventurados sacerdotes a quem as igrejas veneram como Santos. O P. M. Flórez[^5] celebra ter justificado um santo bispo espanhol tão glorioso e aplaudido pelo grande padre Santo Agostinho; e convém em que pôde suceder a São Severo, porque floresceu pelos anos de 316.

São Leonardo, Solitário e Confessor

São Leonardo foi francês de origem e aparentado com as primeiras casas do reino: no Batismo deu-lhe o nome o grande Clóvis, e São Remígio tomou-o a seu cargo. Que não se devia esperar de tão santa educação? Correspondeu a ela Leonardo e aprendeu a ciência dos Santos na escola de um mestre que a possuía com excelência. Era o ânimo de seu pai que se criasse para cortesão; mas o Senhor deu ao santo menino muito distintos pensamentos. Deteve-se muito tempo junto de São Remígio, para que se lhe internasse mais profundamente a tintura de santidade, estudando devagar o modelo que tinha diante dos olhos. Como São Remígio estava dotado daquela luz superior que alumia os Santos, conhecendo que Deus tinha destinado Leonardo para alguma coisa grande de sua maior glória e serviço, foi instruindo-o e habilitando-o para o ministério da pregação. Juntando-se em Leonardo à eloquência natural o socorro do estudo, em breve tempo pôs-se capaz de pregar: suas palavras eram simples, mas seus discursos sólidos e fortes. Com tudo isso, o que mais contribuiu para os triunfos de sua eloquência foi o desinteresse e o desapego do pregador, sua humildade e sua condescendência. Não há coisa mais persuasiva que as palavras quando vão acompanhadas dos exemplos. Não se pode negar que é palavra de Deus a que anunciam até aqueles ministros evangélicos que não arrumam a ela seus costumes; mas afinal o mundo é de tal feitura que quer ver autorizadas com as obras as palavras, sem exceptuar nem ainda a palavra divina. Via-se em Leonardo este ditoso conjunto. Voava sua fama por todas as partes e, movido o Príncipe de seu mérito, convidava-o a que viesse recolher o fruto, prometendo-lhe os mais elevados empregos de palácio; mas nosso Santo era um daqueles poucos homens que fazem quanto podem para merecer e depois fogem generosamente de todos os cargos, honras e distinções que merecem. Uma alma cheia de ambição teria voado à corte atrás das honras que a estavam chamando; mas a de nosso Santo, cheia de amor de Deus, correu aos lugares e às aldeias, semeando em todas as partes o grão da divina palavra. Pregou em Orleans e depois se retirou com o solitário Maximino, em cuja escola aprendeu a vida religiosa, que ele mesmo ensinou depois com tanta felicidade. Chamava-o o céu a outra parte; e, tendo comunicado esta revelação a seu irmão Lupardo, que não se havia separado dele desde que deixou sua pátria, este se desculpou de segui-lo e lhe suplicou que lhe permitisse edificar uma celinha na ribeira do rio Loire, enquanto ele fosse aonde o céu o chamava. Separaram-se os dois, rompendo os mais doces laços da natureza, cujos vínculos cederam às fortes cadeias do amor de Jesus Cristo, por cuja maior glória se dividiram os dois santos irmãos. Depois deste sacrifício partiu Leonardo de Orleans e tomou o caminho da Aquitânia. Ao passar por Bourges aplicou-se a dissipar algumas relíquias do gentilismo que ainda não havia extinguido a pregação do Evangelho. Às fadigas da pregação juntava-se o rigor dos jejuns, o fervor da oração e a continuação das vigílias. Fê-lo Deus depositário de seu poder e, revestido de sua força, saía dele em abundância a graça das curas; à sua presença fugiam os demônios, viam os cegos, ouviam os surdos, andavam os aleijados, e toda enfermidade, todo acidente parecia que iam como fugitivos de sua vista. Depois que assombrou os povos com seus milagres, foi-se esconder num espesso bosque. Ali teve notícia de que a Rainha se achava em perigo de morte: voltou à corte, aplicou uma graça de saúde à agonizante Princesa, fugiu a enfermidade e recobrou-se a Rainha. Em reconhecimento fez-lhe o Rei doação de uma parte do bosque onde se havia retirado, para que fundasse nele um mosteiro. Juntou alguns monges e deu-se princípio ao mosteiro de Noblac. Queixaram-se os monges de que era mister ir buscar a água a larga distância: fez o Santo oração, foi prontamente ouvido, e até o dia de hoje se aproveitam os povos daquele benefício. Toda a ânsia de Leonardo era viver escondido aos olhos do mundo para ser unicamente conhecido nos de Deus; mas a voz dos milagres é mais sonora que a humildade:

quando aquela grita, não é fácil esconder-se. Não pode o sol ocultar sua luz. É Deus admirável em todos os Santos; mas não faz pelo ministério de todos os Santos os mesmos milagres. O nosso foi bem singular numa coisa, e era que o que se encomendava a Deus pela intercessão de São Leonardo, ainda que estivesse carregado de cadeias, achava-se posto em liberdade, sem que o estorvasse nem a segurança das prisões nem a vigilância dos carcereiros. Vinham os cativos de muito longe a apresentar-lhe os grilhões que se haviam feito em pedaços em seus pés só com invocar o nome do Santo. Quando se soube na família o que se passava em Limoges, quando entenderam seus parentes as maravilhas que faziam célebre seu nome em todas as partes, deixaram sua terra e suas fazendas e tomaram o caminho do deserto. Surpreendido de vê-los nele, disse-lhes: «É bom que eu saí fugindo de vós, e vós vindes correndo atrás de mim? Que quereis? Quereis que vamos todos juntos à casa de nosso Pai celestial?» «Só nos pomos em tuas mãos», responderam eles; «não nos apartaremos de teu lado; mostra-nos o caminho do céu; ensina-nos o segredo de agradar a Deus, porque todos queremos viver e morrer em seu serviço.» Movido o Santo de suas palavras, replicou-lhes que, havendo envelhecido no deserto, lhes podia assegurar que jamais lhe havia faltado a divina Providência. Nem como era possível que esta amorosa Providência, cujos ternos olhos se estendem a todas as criaturas do universo, deixasse de voltá-los favoravelmente para os que se consagram a seu serviço? Assegurou-lhes, pois, que a providência do Senhor havia sempre estado atenta a suas necessidades e que, se ele, sendo um miserável pecador, havia experimentado constantemente os efeitos de sua amável providência, quanto mais seguramente os experimentaria o justo! Que este nunca seria abandonado nem mendigaria o pão sua posteridade; que o que cobre com tanta pompa e com tanta magnificência os lírios do campo não negaria o sustento corporal às criaturas racionais que se empregam em louvá-lo; que estava persuadido de que Deus somente os havia trazido ao deserto para facilitar-lhes o caminho da salvação, sendo certo que é grande estorvo para a perfeição o tumulto buliçoso do mundo. Mas que não lhes disse sobre os consolos, delícias e doçura que se gostam na solidão! Quanto mais nos apartamos do mundo, mais intimamente se nos comunica Deus. E quem poderá explicar o que se passa nestas amorosas comunicações! Podem-se, sim, sentir estes deliquios amorosos; mas declarar-se com palavras não é possível. Depois que São Leonardo animou com estas vozes de fogo os novos atletas que se lhe vieram a oferecer para empreender a carreira da virtude, assinalou a cada um sua tarefa. Eram sete as famílias que haviam vindo buscá-lo no deserto: a cada uma distribuiu sua porção do bosque para que a cultivasse e se mantivesse com os frutos da terra. Tendo, enfim, chegado a uma extremada velhice, mas mais rico de méritos que carregado de anos, fechou os olhos do corpo à luz do dia para abrir os da alma à da eternidade no dia 6 de novembro, ainda que não se sabe o ano a ponto fixo. Fê-lo Deus tão célebre pelos milagres depois de sua morte como o havia feito pelos mesmos durante sua vida; e a multidão de cadeias que os cativos trouxeram a seu sepulcro acredita o amor que lhes conserva e com que os olha desde a feliz estância da glória. Referiremos dois sucessos. O visconde de Limoges mandou fazer uma cadeia de peso enorme para pôr terror aos delinquentes, dando-lhe o nome de a Moura. Os infelizes que eram amarrados a ela padeciam diferentes tormentos: no verão o calor do sol os derretia, e no inverno a neve que caía sobre eles os gelava. Sucedeu que um dia foi posto a esta terrível cadeia certo homem inocente, que professava particular devoção a São Leonardo. Estando já a ponto de expirar e não podendo invocar com a língua seu santo protetor, falou-lhe assim com o coração: «Que é isto, Santo meu! Tu, que és tão benigno com os forasteiros e com os estranhos, abandonarás um familiar teu que te invoca, que está inocente e que te tem servido toda a vida?

Dá-te pressa a socorrer-me e não aguardes que expire.» Apenas acabou esta breve oração, quando o Santo lhe apareceu rodeado de resplendores e lhe disse: «Consola-te; não morrerás, viverás para anunciar as maravilhas do Todo-poderoso; levanta-te, toma a Moura em tuas mãos e leva-a a minha igreja; não te assuste seu enorme peso, eu to aliviarei, e a levarás sem dificuldade.» Tomou-a, caminhou seguindo seu condutor e, quando chegou à porta da igreja, desapareceu o Santo. Entrou no templo e referiu aos sacerdotes e ao povo que havia concorrido a maravilha que São Leonardo acabava de obrar com ele. Foi o segundo milagre: certo oficial havia feito um prisioneiro de guerra e, para assegurá-lo, mandou cavar na terra um fosso ou uma espécie de cisterna muito profunda, dizendo que na verdade São Leonardo abria as prisões, mas que nunca havia ouvido que tirasse as gentes das entranhas da terra. Contudo, escapou-lhe o prisioneiro apesar de toda a sua precaução. Desceu o Santo àquele lugar subterrâneo, tirou-o dele e o conduziu até a porta do mosteiro de Noblac, onde referiu as misericórdias que Deus havia obrado com ele e o milagroso poder de seu santo libertador. Assim é honrado aquele a quem o Rei da glória quer honrar.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Severo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui hodierna die beati Severi, pontificis et martyris tui, verticem effusione sui sanguinis consecrasti: ita nobis ejus suffragantibus meritis, ut tranquillam in terris utriusque hominis pacem et gloriam in cœlis, quam possidet, consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que no dia de hoje consagrastes a cabeça do bem-aventurado pontífice e mártir Severo com a efusão de seu sangue, concedei-nos, com o auxílio de seus méritos, que consigamos na terra a tranquila paz do homem exterior e interior, e nos céus a glória que ele possui. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 1,3-7

> **Latim:** [3] Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus totius consolationis, [4] qui consolatur nos in omni tribulatione nostra : ut possimus et ipsi consolari eos qui in omni pressura sunt,

> per exhortationem, qua exhortamur et ipsi a Deo. [5] Quoniam sicut abundant passiones Christi in nobis : ita et per Christum abundat consolatio nostra. [6] Sive autem tribulamur pro vestra exhortatione et salute, sive consolamur pro vestra consolatione, sive exhortamur pro vestra exhortatione et salute, quæ operatur tolerantiam earumdem passionum, quas et nos patimur : [7] ut spes nostra firma sit pro vobis : scientes quod sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis.

Português: [3] Bemdito seja o Deos, e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, Pai de misericordias, e Deos de toda a consolação, [4] o qual nos consola em toda a nossa tribulação: para que possamos tambem nós mesmos consolar aos que estão em toda a angústia, pelo conforto, com que tambem nós somos confortados de Deos. [5] Porque á medida que em nós crescem as penas de Christo: crescem tambem por Christo as nossas consolações. [6] Porque se somos atribulados, para vossa exhortação he e salvação, se somos consolados, para vossa consolação he, se somos confortados, para vosso conforto he e salvação, a qual obra o sofrimento das mesmas afflictões, que nós tambem sofremos: [7] para que seja firme a nossa esperança por vós: estando certos, que assim como sois companheiros nas afflictões, assim o sereis tambem na consolação.

Reflexões

Bendito seja o Pai das misericórdias e Deus de todo consolo. As alegrias vãs e passageiras podem brotar em nós de tantos distintos mananciais quantos são os objetos que para sua satisfação formam nossas paixões; mas o verdadeiro e sólido consolo não reconhece outra origem que só Deus, tudo nasce unicamente dele. Os que provêm das criaturas são tão vazios e tão superficiais que não nos podem levar. Fazem o mesmo efeito no coração que um copo de água gelada num corpo abrasado com uma ardente febre. Sempre se paga muito caro o ligeiro e transitório gosto que se busca nas coisas criadas, o qual nunca é capaz de consolar-nos plenamente. O mesmo Deus que consola é o que perdoa, e nunca consola de todo sem ter antes perdoado. Deus é meu pai e pai das misericórdias; logo, não pode deixar de ser para mim o Deus de todo consolo, se não ponho estorvo a suas piedades. Ao estado e ainda ao maior bem do cristão convém padecer; à bondade de nosso Deus, sustentar e consolar o cristão em seus trabalhos. É certo que em todas as partes nascem as cruzes; mas também o é que levam consigo mesmas o consolo quando são rebentos da cruz do Salvador. As paixões, falando em propriedade, tampouco produzem mais que cruzes; mas todas amargas, e todas sabem à qualidade do terreno onde nascem. Se o Senhor é o Deus de todo consolo, seus ministros devem ser uns homens em quem todos o achem. Em seu seio hão de derramar os fiéis seu coração, e em seus conselhos hão de encontrar alívio a seus trabalhos. Que outra coisa significam os títulos de pai, de pastor, de médico, de esposo que tantas vezes toma o Salvador no Evangelho? Nomes todos de consolo e ternura. Estes ofícios devem fazer seus ministros. Os modos severos e empertigados, as palavras agrias e ofensivas, as ameaças, os ultrajes e um trato duro, despegado e enfadonho, tudo é muito impróprio dos ministros do Pai das misericórdias. No serviço de Deus nada se perde de quanto se padece por seu amor. Os consolos

correspondem aos trabalhos, e aos grandes trabalhos a abundância dos consolos. Pouco importa que os homens sensuais tratem de quimera as doçuras que derrama Deus nos corações dos que o amam: nem por isso é menos verdade que as condições mais risonhas, as festas e as diversões do mundo não fazem mais que suspender por um pouco as amarguras interiores; quando o estado das almas justas, que se representa mais penoso aos olhos dos mundanos, é verdadeiramente um copioso manancial de puríssimas delícias para quem ama firmemente a Jesus Cristo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,24-27

> **Latim:** 24 Tunc Jesus dixit discipulis suis : Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. 25 Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam : qui autem perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. 26 Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ? aut quam dabit homo commutationem pro anima sua ? 27 Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis : et tunc reddet unicuique secundum opera ejus.

Português: 24 Então disse Jesus aos seus discípulos : Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. 25 Porque o que quizer salvar a sua alma, perdella-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, achalla-ha. 26 Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma? 27 Porque o Filho do homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada hum a paga segundo as suas obras.

Meditação

Da falta de juízo que se acha nas máximas do mundo

Primeiro ponto

Considera que as falsas máximas do mundo, ainda que sejam tão universais, por mais que as queiram acreditar tantas pessoas que presumem de sensatas e entendidas, estão destituídas de toda razão e juízo. Uma destas máximas, que certamente é hoje em dia das mais autorizadas,

ensina que se deve fazer o que fazem outros. Mas considera a sangue-frio quem são esses outros que, segundo o mundo, hão de servir de modelo. São porventura alguns homens de juízo, de notória probidade, que se façam recomendáveis por sua vida cristã, ajustada e exemplar? Na verdade é bem curto o número destes; mas ao menos propõe-se por exemplar este curto número? Nada menos. Esses outros que se pretende devem dar a lei, servindo de norma à imitação, é essa turbamulta de ociosos e de janotas, muitos deles perdidos de reputação, a maior parte sem regra, sem conduta, sem virtude; não poucos quase sem religião, que, deixando aos timoratos o cuidado de trabalhar pela salvação, passam eles a vida num eterno esquecimento de Deus, apascentando-se unicamente de bagatelas, de quimeras e de inutilidades. É essa confusa multidão de mulheres profanas, engolfadas e submersas no mundo, que, contentando-se com uma ligeiríssima tintura de religião, desacreditam com sua vida sensual e pouco cristã a doutrina de Jesus Cristo, forjando lá não sei que quimérico sistema de felicidade numa conduta inteiramente pagã. É, enfim, esse imenso montão de jovens estouvados, quase todos libertinos, em cuja maior parte só se encontra muito descaro, grande ousadia, pouca capacidade, nenhum mérito; cujos estragados costumes são o escândalo de toda uma cidade e cuja lastimosa conduta é o suplício e até a desonra de seus pobres pais e parentes. Estes são aqueles excelentes modelos que nos propõe o mundo para a imitação; estes aqueles outros cujo exemplo se há de seguir como ele pretende. Meu Deus, será possível que chegue a tal extremo nossa cegueira! Que uma servil, que uma indigna complacência por uns homens a quem certamente não se estima, a quem seguramente se despreza, domine nossa razão e, por assim dizer, tiranize nossa liberdade, impondo-nos certa espécie de necessidade de ser maus e de desatinar só porque eles desatinam! Mas o mais assombroso é que só a isto se chama saber viver, como se toda a sabedoria, toda a prudência, toda a boa-criação e toda a cordura consistisse ou se estancasse nos costumes dos libertinos, e como se a doutrina de Jesus Cristo, que cultivou as mais selvagens, as mais bárbaras nações e que só ela devia ser a regra dos costumes, como se esta doutrina, digo, não nos ensinasse a viver. Onde está o bom juízo neste modo de pensar? Onde está a sindérese da razão natural? Logo os bons cristãos ignoram a arte de viver; logo todos esses Santos, cuja sabedoria admiramos, cujas virtudes aplaudimos, cuja proteção imploramos, cujas relíquias são objeto de nossa veneração e de nosso culto: logo todos esses Santos, todos esses grandes homens não souberam viver, pois não souberam seguir essa multidão de mundanos, não souberam fazer o que eles fizeram. Meu Deus, será mister muito entendimento para conhecer a risível ridiculez de tão lastimosa máxima?

Segundo ponto

Considera a pobreza dos homens do mundo em seu modo de pensar. Pois quê! Basta ser bom cristão, ser devoto, ser discípulo de Cristo para não saber viver? Que extravagância! Ignora-se que só em sua escola se aprende a viver? Desenganemo-nos: não há verdadeiramente outro homem de bem que o homem verdadeiramente cristão. Na escola do Evangelho se aprende aquela inalterável doçura, aquela humildade de coração, sem a qual toda aparente afabilidade, toda modéstia postiça, toda urbanidade afetada é uma pura momice; mas, possuindo aquela, conhecem-se muito bem todos os deveres da atenção, e todos se praticam a tempo, em sazão e com a maior oportunidade. Fazer no mundo o que fazem os outros é saber aturdir-se em ponto de Religião como se aturdem os outros; mas não é saber viver como verdadeiro cristão. Certamente, se é preciso fazer o que fazem outros, não será melhor fazer o que faz aquele curto número de

escolhidos a quem está prometido o reino dos céus? O que fazem aquelas pessoas prudentes, virtuosas, tão respeitáveis pela pureza de seus costumes, por sua conduta regrada e uniforme, por sua probidade; a cujo mérito se faz justiça, apesar da licença e do desenfreio do século, e a quem até os mesmos dissolutos respeitam interiormente? O que fazem, finalmente, aqueles homens de exemplar virtude, cuja sorte se inveja e que nos hão de servir de confusão e até de desespero na hora da morte por não ter imitado seus exemplos? Se naquela hora nos resta algum rasto de sua razão; se todavia somos nela cristãos; se não morremos ateus, consolar-nos-á muito o haver seguido o exemplo de tantos insensatos? Que dor, que desespero será então o nosso por ter feito o que fizeram tantos libertinos! Quem não quereria então ter imitado os bons? Ter vivido como os fervorosos de sua comunidade? Como os que tiveram uma vida verdadeiramente cristã?

Posso, meu Deus, com vossa divina graça evitar estes desesperados arrependimentos; todavia estou em tempo de fazê-lo. Fazei, Senhor, que eu me aproveite deste tempo e destas reflexões.

Jaculatórias

Confirmai, Senhor, e fazei que sejam eficazes estas luzes que Vós me comunicais. (Sl 67.)

Resoluto estou, meu Deus, a viver arrumado a vossas divinas máximas, determinado a conformar minha conduta a vossa santíssima lei. (Jó 27.)

Propósitos

1. Sendo certo que na hora da morte não quererias ter vivido como esse imenso montão de libertinos, como essa multidão de mulheres profanas, como esse enxame de pessoas que só respiram o espírito do mundo, como esse sem-número de indevotos e de imperfeitos, opróbrio do estado eclesiástico e afronta do religioso; e que toda a segurança para manter-te nas desordens que tu mesmo condenas, nessa vida tíbia que levas, nesse desordenado proceder que de quando em quando sobressalta tua consciência, toda a tua segurança estriba na esperança, bem ou mal fundada, que tens de que antes de morrer reformarás teus costumes, romperás as cadeias que te têm aprisionado, farás uma vida exemplar e religiosa: por que não começarás a pôr hoje em execução o que não sabes se poderás fazer amanhã? O dia de amanhã é incerto, e hoje tens certamente tempo, meios e, atrevo-me a assegurar, também auxílios para fazê-lo; pois tem o consolo de experimentar hoje, antes que chegue a noite, que não é vã tua esperança. Se esperas converter-te a Deus antes da morte, faze que possas dizer hoje mesmo com verdade: *Pela misericórdia de meu Deus já me converti enfim.*

2. Não é possível deixar de conhecer a algum de tua mesma idade e de tua mesma condição que viva cristamente; a algum de tua mesma comunidade ou de tua mesma Religião que viva exemplar e santamente. Pois propõe-no por modelo para imitá-lo, para ser tão exato, tão observante, tão devoto, tão sensato e tão circunspecto. Em matéria de costumes podemos tudo o

que queremos.

[^1]: Sendo muito controvertido tudo o que pertence a São Severo e companheiros de martírio, discrepando os autores mais notáveis acerca do tempo em que padeceram o martírio — se foi no dos gentios, durante a perseguição dos imperadores Diocleciano e Maximiano, ou se foi no dos godos, reinando Eurico; se houve um só São Severo ou se foram dois, etc. —, pareceu-nos o mais seguro estabelecer a história de nosso santo Bispo sobre a que escreveu o P. M. Flórez em sua *España sagrada*, t. XXIX, pág. 71 e segs., à vista de documentos antigos autorizados, que podem ver-se e examinar-se no lugar citado: porque, tendo-se perdido as Atas legítimas, como sucede com outros muitos Santos daqueles calamitosos tempos, misturaram-se relações diversas no modo e circunstâncias por diferentes escritores que, sem crítica, adotaram a história de São Severo de Ravena (do qual se faz comemoração no Martirológio de 1º de fevereiro), aplicando ao mártir de Barcelona o que só convinha ao outro, como o ter sido casado, tecelão de ofício e eleito bispo por indício de uma pomba sobre sua cabeça. Ao estabelecer a história de Santo Emetério, chamado em vulgar catalão São Medir, que se lê entre as do dia 3 de março, tivemos presentes unicamente os documentos a que se refere o P. Domènech em sua *Historia general de los Santos del principado de Cataluña*, que adotou o tempo dos godos para o martírio de São Severo e de Santo Emetério, assinalando sua morte pelos anos de 480. Depois de escrita aquela história, tivemos mais espaço de examinar as graves razões com que se convence haverem padecido nossos Santos no tempo de Diocleciano, e não no dos godos, e não vacilamos, ao estabelecer a presente história de São Severo, em adotar aquela opinião como mais autorizada, não obstante o estabelecido na citada história de Santo Emetério. Ainda que esta circunstância em nada prejudica o fato substancial do martírio de nossos Santos, bem confirmado pelos irrecusáveis documentos que o testificam, pela autoridade de nossos antigos escritores e por uma constante tradição. O P. Croisset, guiado sem dúvida de falsos cronicões, põe em Barcelona dois bispos Severos, ambos mártires, um no império de Diocleciano e outro no de Constâncio; mas Barcelona não tem conhecido mais que um São Severo mártir, pois ainda os que colocam o Santo no tempo dos godos não admitem outro no tempo dos romanos, senão um só.

[^2]: Além das escrituras e documentos que testificam o milagre, tem em seu apoio a tradição, pois na igreja paroquial de São Medir, perto de São Cucufate, persevera a memória do campo onde semeava as favas; e duas destas se guardam entre as relíquias do citado mosteiro de São Cucufate, não inteiras, mas quebradas em cinco partes que mostram corresponder ao tamanho de duas favas, mas inteiro cada fragmento, sem corrupção.

[^3]: O culto de Santo Emetério ou Medir propagou-se também por outros lugares e igrejas, chegando até o Real de Santo Isidro, em Madri, onde tem imagem no altar-mor, com as de outros santos lavradores.

[^4]: Liv. I, cap. 3.

[^5]: Tomo XXIX, pág. 77 e segs. da *España sagrada*.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:26 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:26 by Admin